



‘A JANGADA DE PEDRA’
– Geografias Ibero-Afro-Americanas

Atas do Colóquio Ibérico de Geografia

11 a 14 de Novembro
Departamento de Geografia, Universidade do Minho
Campus de Azurém
Guimarães, Portugal

Guimarães, 2014

TÍTULO: 'A JANGADA DE PEDRA' – Geografias Ibero-Afro-Americanas. Atas do Colóquio Ibérico de Geografia

COORDENADORES: António Vieira e Rui Pedro Julião

EDITORES: Associação Portuguesa de Geógrafos e Departamento de Geografia da Universidade do Minho

ISBN: 978-972-99436-8-3 / 978-989-97394-6-8

ANO DE EDIÇÃO: 2014

GRAFISMO DA CAPA: Instituto Nacional de Estatísticas

COMPOSIÇÃO/EXECUÇÃO GRÁFICA: Flávio Nunes, Manuela Laranjeira, Maria José Vieira, Ricardo Martins

INSTITUIÇÕES ORGANIZADORAS:



Universidade do Minho
Departamento de Geografia

Departamento de Geografia da Universidade do Minho



Associação Portuguesa de Geógrafos



Asociación de Geógrafos Españoles



Centro de Estudos em Geografia e Ordenamento do Território

Re-conhecer a Cidade andando: Um ensaio a partir do Centro Histórico e Baixa da Cidade do Porto

C. Rodrigues^(a), H. Madureira^(b)

^(a) CES/Faculdade Economia, Universidade Coimbra; FCT; APDES, claudiambrodrigues@gmail.com

^(b) Departamento de Geografia/Faculdade de Letras, Universidade do Porto/CEGOT, hmadureira@letras.up.pt

Resumo

Em sintonia com o topo-centrismo pós-moderno e com a neo-liberalização do espaço, observa-se nos últimos anos, também na cidade do Porto, um crescente uso e apropriação pública e privada do espaço urbano, público e privado, por diversas práticas culturais, criativas e de lazer imprimindo, e fazendo ressoar, um ritmo lúdico nas dinâmicas e geografias urbanas. Inscritas em práticas discursivas enaltecidas da revitalização do centro da cidade, ações performativas tomam o espaço urbano público e privado como palco e chão do uso lúdico e preenchem a agenda da cidade nos últimos anos. O ator urbano, do (novo) turista ao morador, é convidado a passear na cidade, a usá-la de forma lúdica e móvel, dinâmica. Conseguirão estes eventos e atividades contribuir para fazer de uma cidade, durante décadas, desamparada desconhecida, invisibilizada e aparentemente estática, uma cidade móvel, visível, participada, ou farão também eles parte da agenda enobrecedora dos centros das cidades ocidentais?

Palavras chave: lúdico, enobrecimento, itinerância

A densificação do uso lúdico, itinerante e *pop up* do centro da cidade

Uma diversidade de eventos espalham acontecimentos sobre a cidade. Convidam os atores da cidade a deslocar-se entre eles, a desenharem circuitos mais ou menos abertos à orientação do ator urbano, traçam as rotas dos convivas da cidade, convidam à expedição da cidade. Há uma constelação de lugares a percorrer e o ator pode optar pelo percurso, são novos ordenamentos dos espaços, onde o ator segue um percurso pela ordem que optar, interrompe-o quando desejar. Andar, elemento fundamental da performatividade urbana, tem uma importância e poder no conhecimento e relação com a cidade, nomeadamente na vinculação que com ela se estabelece. Os passeios, percursos livres são inquestionáveis promotores de experiência de lugar (Edensor, 2010), e, em particular nestes casos, de experiência urbana.

De destacar os já emblemáticos *D'bandada*, promovidos por uma marca de telecomunicações e dedicado à música e que terá este ano a sua 3 edição, e o *Manobras*, promovido pela Porto Lazer, Empresa Municipal da Câmara Municipal do Porto e dedicado a múltiplas áreas (do lazer, da cultura e do conhecimento) que contemplou apenas as edições de 2011 e 2012. Acrescente-se ainda outros exemplos de eventos que densificam o uso do centro da cidade e dissipam novidade, criação e imprevisibilidade nas ruas, nas praças, nas associações recreativas, nos monumentos patrimoniais, nos jardins, nos cafés, nas lojas de comércio tradicional, nas oficinas, como seja o Porto Hub (2012); o Festival de Varandas (2012, 2013, 2014), o Troca-se Por Arte 2010, 2011, 2012; o GetSet Art (2010, 2011, 2012, 2013); Future Places

(2009-2014); etc. Produzem-se novas urbanidades, novas vivências, usos e apropriações do lugar a um nível micro (pelos atores urbanos) e macro (pelas marcas, corporações, autarquias, movimentos artísticos).

Estes eventos e acontecimentos urbanos existem na relação entre o lúdico (Ver Stevens, 2007), o itinerante e o *pop up* (são eventos que aparecem e desaparecem no espaço urbano). Estes eventos imprimem um novo ritmo à cidade e às relações entre os seus atores sendo que essas relações podem ser tanto conflituosas como harmoniosas, nomeadamente, entre moradores e os 'novos exploradores' da cidade, sejam eles pertencentes à classe 'criativa' que produz esses eventos, sejam eles os utilizadores urbanos desses eventos. O risco da proliferação e reprodução destes eventos é o de cumplicidade com ritmos da gentrificadores, enobrecedores, contrários à integração, participação e demanda da cidade que lhes está na base, nomeadamente pela apropriação por parte do marketing urbano a que estes eventos são sujeitos.

Por um lado, estes itinerários urbanos traduzem uma cidade heterotópica, um uso e apropriação contra-hegemónicos dos lugares e territórios: eles instigam usos inesperados de espaços e de tempos, dinamizações de espaços esquecidos, contactos entre diferentes atores urbanos, troca; enfim, tornam urbano o espaço urbano. Por outro lado, e na dialéctica que caracteriza os ritmos de produção do espaço, estes usos estão inscritos numa orientação mais global de neoliberalização do espaço e enobrecimento dos centros urbanos (Rodrigues, 2013).

A gentrificação (enobrecimento) pode ser abordada como uma face e processo de regeneração urbana que reproduz o espírito colonial ocidental e que orienta a apropriação da cidade, nomeadamente do seu espaço público, em sintonia com o marketing urbano, para públicos convenientes e desejáveis (Rodrigues, 2013). "Whether gentrification is urban, suburban, or rural, new-build or the renovation of existing stock, it refers, as its gentri-suffixes attest, to nothing more or less than the class dimensions of neighbourhood change, in short, not simply changes in the housing stock, but changes in housing class" (Slater, Curran & Lees, 2004: 1144). Os processos de governância urbana adotados pela maioria das administrações políticas evitam agora a associação à gentrificação, nomeadamente através da substituição do termo 'gentrificação' por termos mais neutrais classicamente como 'regeneração urbana', 'sustentabilidade urbana' e 'renascença urbana', enfraquecendo e dissipando, assim, o criticismo e a resistência (Lees, 2003).

A gentrificação faz-se, a par da reconstrução e reabilitação do tecido urbano antigo, a partir de novos usos destes centros, não só residenciais mas, e cada vez mais, lúdicos. A gentrificação tem um grande domínio simbólico que acompanha e sustenta as mudanças nos espaços e geografias urbanas. "How, in the large context of changing social geographies, are we to distinguish adequately between the rehabilitation of nineteenth-century housing, the construction of new condominium towers, the opening of festival markets to attract local and not so local tourists, the proliferation of wine bars and boutiques for everything and the

construction of modern and postmodern office buildings employing thousands of professionals, all looking for a place to live? ... Gentrification is no longer about a narrow and quixotic oddity in the housing market but has become the leading residential edge of a much larger endeavour: the class remake of the central urban landscape” (Smith, 1996: 39).

O Manobras no Porto e o Porto Verde

O *Manobras no Porto* é um movimento ou evento inscrito na plataforma Porto 2.0 dinamizada pela Porto Lazer, Empresa Municipal, analisador de novas dinâmicas dos centros urbanos e de visível envergadura e impacto no centro e baixa da cidade nos outonos de 2011 e 2012.¹ O Programa desenvolve-se em três eixos: tempo de pesquisa, envolvimento e criação, treino; momentos de partilha e celebração; atividade contínua de fixação e reflexão.²

Se por um lado, programas como o *Manobras* são uma forma de contestar e demandar a cidade e inverter a orientação dominante, neoliberal, podem, por outro lado, alimentar a fragmentação social e a orientação para um enobrecimento dos centros da cidade, mormente, tomando como intermediários e álibis as indústrias criativas (Ver Fortuna & Rodrigues, 2011) e reproduzindo acriticamente um discurso urbanisticamente correto. “Esta oportunidade surgiu no âmbito do esforço público em curso para criar e consolidar, na região Norte de Portugal, um *cluster* de indústrias criativas contributivo para o desenvolvimento económico nacional. O programa *Manobras no Porto* é complementar à reabilitação

¹ “Trata-se de um processo que resulta de uma candidatura submetida pela Porto Lazer, EEM, na categoria “Grandes Eventos”, e enquadrada no ON2, programa operacional promovido pela CCDR-N e apoiado pelo QREN. A CCDR-N reconheceu o mérito invulgar desta candidatura, avaliando-a com a pontuação mais alta do concurso que disputou (4.7 pontos em 5), validando portanto a pertinência do seu objeto bem como o alcance da sua ambição. Foi, assim, possível mobilizar um investimento global de aproximadamente 2 milhões de Euros, participado em 85% pelo FEDER e participado pela Câmara Municipal do Porto, através da Porto Lazer, EEM em 15%” (...) Compõe-se como “grande evento” ao estender-se no tempo (2011 e 2012); no território (a Cidade do Porto radiada a partir do seu Centro Histórico); e nas áreas de atividade (todas quantas se proponham a agir nesse tempo e nesse território). (Dossier de Imprensa: 5). À *AGITAÇÃO DE UMA IDEIA DE CIDADE Cidade plural e diversa, que avança graças ao encontro fértil das suas diferenças. Cidade inquieta entre as suas qualidades esquecidas e presentes, comuns e individuais, entranhadas e exóticas. Cidade insubmissa e emancipada, fundada na capacidade dos seus habitantes para discutir, participar, propor, receber, fazer, prosperar. À MOBILIZAÇÃO DE MUITAS PESSOAS E FORMAS Aquela ideia de cidade só se concretiza com a participação de muitos. Por isso convocamos todos. O Sr. José Mendes e o vizinho dele. A tia deste. O Teatro Nacional e a Associação Recreativa. O Centro de Dia e a Universidade... Debates, oficinas, intervenções de rua, concertos, movimentos concertados, objectos insólitos, etc. etc. Todos os saberes, artes, capacidades, histórias, quotidianos e utopias manobradas no encontro de si e entre si. AO RECONHECIMENTO DO PORTO A PARTIR DO SEU CENTRO HISTÓRICO Manobramos (n)a Cidade do Porto, território de cidade definido pelo seu registo histórico, físico e humano: pelos caminhos, edifícios, objectos, sinais, pessoas, memórias, discursos e acontecimentos ligados por linguagens, fluxos, padrões, afinidades, valores comunitários, ânimos, quotidianos, relações causais. Vemos estas ligações mais densas no Centro Histórico, pólo magnético que elegemos como local privilegiado de exploração, encontro e celebração. À ABERTURA DE OUTROS TERRITÓRIOS SOCIAIS E EXPRESSIVOS Queremos evidenciar e propor um conteúdo desta e para esta cidade física. Para isso, as nossas Manobras hão-de inaugurar espaços incógnitos que hoje separam actividades, tribos e interesses. As nossas acções ocuparão sempre estes espaços fronteiriços de cruzamento de expressões e saberes, em movimentos de aproximação entre grupos tradicionalmente afastados, entre disciplinas e participantes. As nossas Manobras ambicionam passar-se num território de encontro permanente* (Dossier de Imprensa: 7).

² “*Manobras no Porto* desenvolve-se nestes três modos de ser, processos complementares de funcionamento, cada um com o seu ritmo e incidência temporal, convergentes para uma mesma missão de transformação de um território, naquilo em que ele se assemelha mais a uma pessoa: no fazer, no prazer e no saber. Uma pessoa que faina, que laurea e que cisma ainda” (Manobras, Dossier de Imprensa: 13).

urbana em curso e à emergência da animação noturna que já distinguem positivamente o centro do Porto” (Dossier de imprensa: 5).

O *Manobras* insere-se, então, também, na retórica da revitalização criativa dos centros urbanos e indissociado deslumbramento autárquico perante a potencialidade de atração e mercantilização que estes possuem. Porém, na prática, no terreno, no desenvolvimento e envolvimento comunitário, artístico e popular, e com a grande dinâmica imprimida e gerada com o programa, consegue-se ir para além do patamar do urbanamente correto.



Figura 1 - *Manobras*: Edições de 2011 e 2012 no Centro Histórico e Baixa do Porto

(Fonte: www.manobrasporto.com)

Com atividades de maior e menor grau de envolvimento e recetividade por parte das populações locais, o programa é construtivo para a cidade. À partida todos os eventos envolvem um certo grau de participação e envolvimento da comunidade local – a participação do público é uma preocupação em certos eventos, sendo outros mais associados à apresentação de atividades de cultura e lazer no sentido mais tradicional, ainda que em diferentes espaços e tempos urbanos.

A densificação do centro pelas atividades desenvolvidas pelo *Manobras* é clara na figura acima representada, assim como a deslocação a que o ator urbano é convidado, desafiado. Sendo que este ensaio se centra num evento, emblemático, no mesmo território, como acima referido, muitos outros se sobrepõem e tornaram esta densificação evidente e permanente. Os eventos são efémeros, vão aparecendo e desaparecendo na cidade.

Verifica-se uma apropriação lúdica dos espaços urbanos abertos e fechados, públicos e privados, sendo que se adivinham trajetos, itinerários, performances, procissões, hortas, conversas, cinema, peças de teatro, exposições, rádio, *ateliers* vários dissipam-se por diversos locais da cidade aquando das edições do *Manobras*, cruzando usos e locais populares, inesperados como usos e locais *trendy* e previsíveis.

Assim, o *Manobras* pode ser apresentado como um programa que ultrapassa também as *tours* formais turísticas baseadas na instrumentalização do património ou no uso alienado do centro como parque

temático: as propostas e projetos deste programa fazem, ainda que pontualmente, de uma cidade desconhecida e estática, uma cidade visível, móvel e inclusiva. Apesar da edição limitada do *Manobras*, alguns dos seus projetos autonomizaram-se e sobreviveram ao fim do Programa, destacando-se, nesse contexto, a Rádio *Manobras*.

Focamos agora o *Porto Verde*, um sub-itinerário, um sub-roteiro no roteiro e itinerâncias do *Manobras* que apresenta como objetivo denunciar e impelir ao uso comunitário e local de espaços abandonados na cidade, públicos ou privados, com potencial para criação de hortas urbanas. A importância da agricultura urbana no seu alcance e domínio mais lato e das hortas urbanas, comunitárias e sociais, em particular, é inegável quando se pensa e demanda a cidade.



Figura 2 - Mapeamento Porto Verde (Fonte: portoverde.wordpress.com)

“O projecto **Porto Próximo, Porto Verde**, surge no âmbito do *Manobras* e tem o invulgar objectivo de encontrar espaços verdes na cidade que, estando atualmente sem uso ou insuficientemente valorizados, possam ser imaginados como hortas urbanas, comunitárias, sociais... porque não?” (portoverde.wordpress.com). *Enfim, o Porto Verde propõe* exploração verde da cidade percorrendo o ser centro. *O objectivo do Porto Verde concretizou-se, principalmente o da denúncia e sensibilização para a imaginação, projeção de usos locais e comunitários de espaços abandonados. Por outro lado, e daí também termos optado pelo Porto Verde enquanto analisador desta realidade ambivalente, a sua expressão e impacto torna-se restrita, nomeadamente pela efemeridade e curta duração e ausência de envolvimento essencial para a ‘passagem’ do projeto aos elementos da comunidade local... No âmbito do Porto Verde foram dinamizadas algumas hortas comunitárias em espaços abandonados que foram cedidos e ocupados.*

A horta urbana faz parte de novas urbanidades, de novos atores, os novos urbanos. Apesar de se apresentar como movimento urbano contra-hegemónico, elas acarretam o risco de se tornar uma *urban trend* inconsequente, passageira e não substancial, elemento de uma *imagem* de novos e responsáveis usos urbanos. As hortas urbanas e as hortas sociais, fazem parte das áreas verdes que conjugam as funções

produtiva e recreativa ou lúdica juntamente com os quintais, jardins e hortas familiares, matas, logradouros interiores (Telles, 1997). As hortas urbanas são multifuncionais, elas são espaços verdes, que permitem descongestionar o ambiente da cidade; espaços de alimentação; espaços de economia; e espaços de lazer e recreio (Pinto, 2007).

O envolvimento comunitário na criação de uma horta urbana é, por exemplo, um processo que se deseja consequente, inclusivo e empoderador, é moroso e complexo que envolve diferentes registos de intenções e motivações, desde a mais lúdica à mais económica, de subsistência. São processos de participação interrompidos que podem, ao invés de empoderar, manter a passividade e segregação local. Estes questionamentos acompanharam a nossa revisita, itinerante, no âmbito da escrita deste ensaio, aos locais identificados pelo Porto Verde, nomeadamente àqueles onde existiam e foram impulsionadas, há 2 anos, as hortas comunitárias (Ver Figura 2). Apenas numa das hortas encontramos indicadores de uso contínuo, não extensível porém a todos os talhões da horta. Nas restantes observa-se o abandono e ausência de uso, com pistas vestígios do programa. A população local quando questionada sobre o estado atual das hortas remete para o abandono por parte dos promotores, para um distanciamento que se manteve em relação ao projeto, por falta de disponibilidade temporal, física. Oscila-se entre o descartável e sustentável, entre a participação e o re-abandono.³

Bibliografia

- Edensor, T. (Ed.) (2010). *Geographies of rhythm: nature, place, mobilities and bodies*. UK: Ashgate.
- Fortuna, C. & Rodrigues, C. (2011). Restless city rhythms: The case of today's downtown Porto. Paper presented at the EURA conference "Cities Without Limits", Copenhagen, July 2011.
- Laboratório Nacional de Engenharia Civil – LNEC (1986). *Estudo sobre Espaços Exteriores em Novas Áreas Residenciais*, Documento-Base 4 (pp. 5-81). LNEC: Lisboa.
- Lees L. (2003). Visions of 'urban renaissance': the Urban Task Force Report and the UrbanWhite Paper'. In Eds R, Imrie, M, Raco (Eds.). *Urban Renaissance? New Labour, Community and Urban Policy* (pp. 61- 82). Policy Press: Bristol.
- Rodrigues, C. (2013). Night at the City, City at Night: Cosmopolitan and Colonization Rhythms in the Neo-Bohemian Inner Porto. In N. Duxbury, G. Canto Moniz, G. Sgueo (Eds.). *Rethinking Urban Inclusion. Spaces, Mobilizations, Interventions* (pp. 557-571). CESContexto, 2. Disponível em: http://www.ces.uc.pt/publicacoes/cescontexto/ficheiros/cescontexto_debates_ii.pdf [Acedido em 16/04/ 2014]
- Slater, T.; Curran W. & Lees, L. (2004). Gentrification research: new directions and critical scholarship. *Environment and Planning*. 36, 1141-1150.
- Smith N. (1996). *The New Urban Frontier: Gentrification and the Revanchist City*. Routledge: London.
- Stevens, Q. (2007). *The Ludic City: Exploring the Potential of Public Spaces* London: Routledge.

³ Os espaços das hortas sociais devem cumprir exigências ambientais e funcionais que evitem que se tornem, com o decorrer do tempo, espaços residuais/abandonados, adotando desde regulamentação que controle os seus usos e a sua manutenção e à estruturação básica entre estes espaços e os circuitos pedonais (a visibilidade pública é fator de inibição do descuido e abandono dos quintais) (LNEC, 1986).

Pinto, R. (2007). Hortas urbanas: espaços para o desenvolvimento sustentável de Braga: Universidade do Minho: Braga

Telles, G. R. (1997). *Plano Verde de Lisboa*. Lisboa: Edições Colibri.